

Histórias em quadrinhos e educação alimentar: limites e possibilidades



Cláudia Sales de Alcântara -
Doutora em Educação Brasileira – UECE
José Arimatea Barros Bezerra -
Doutor em Educação Brasileira/ Pós-Doutor em História – UFC

Resumo: O trabalho analisa as revistas em quadrinhos *Emília* e a *Turma do Sítio na Cartilha da Nutrição no Fome Zero*, um material educativo abordando a importância de uma alimentação saudável. O objetivo era inserir no ambiente escolar uma discussão que estimulasse pensar e adotar práticas alimentares e estilos de vida saudáveis por meio de ações educativas sobre alimentação. Para o desenvolvimento da pesquisa, foi empregada a *Hermenêutica de Profundidade* (THOMPSON, 1995), como um referencial teórico-metodológico, dividindo-a em três etapas: análise sócio-histórica, análise formal ou discursiva e interpretação/ reinterpretação. Ao final, pode-se concluir que apesar das revistas possuírem um conteúdo limitado e prescritivo, elas podem ser instrumentos de estímulo para o tema alimentação e nutrição, favorecendo o desenvolvimento da capacidade crítica do professor e dos alunos.

Palavras-chave: Histórias em Quadrinhos; Educação Alimentar; Currículo.

Abstract: The paper analyzes *Emília* and the *Farm group* on *Nutrition Primer on Zero Hunger* comics, an educational material addressing the importance of healthy eating. The goal was to enter the school environment a discussion that stimulates thinking and adopt eating habits and healthy lifestyles through educational activities about food. For the development of research, it used the *Depth Hermeneutics* (THOMPSON, 1995), as a theoretical and methodological framework, dividing it into three stages: socio-historical analysis, formal or discursive analysis and interpretation / reinterpretation. In the end, it can be concluded that despite the comic books having a limited and prescriptive content, they can be stimulating instruments for the subject food and nutrition, favoring the development of critical ability of the teacher and students.

Keywords: Comics; Food education; Curriculum.

Este trabalho tem como objetivo analisar as revistas em quadrinhos distribuídas gratuitamente pelo Governo Federal às escolas estaduais e municipais, intitulada Emília e a Turma do Sítio na cartilha da nutrição no Fome Zero. Esse projeto foi uma ação do Programa Fome Zero, na qual o MDS – Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome estabeleceu um contrato com a Editora Globo, e contou com o apoio técnico do FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – e dos Ministérios da Saúde e da Educação para produzir um material educativo com as personagens da Turma do Sítio do Pica-pau Amarelo, abordando a importância de uma alimentação saudável baseada em hábitos e produtos regionais, aliada à prática regular de atividade física como condições essenciais para a promoção da segurança alimentar e nutricional.



Figura 1 - Cartilhas Vitaminas e minerais, Proteína e carboidratos, O que é educação alimentar e o caderno do professor

Para fazer tal análise, escolhemos a EMEIF João Frederico Ferreira Gomes para trabalhar com alunos e professores as revistas supracitadas. A escola pertence ao sistema municipal de Fortaleza, Ceará, localizada em um bairro da periferia da capital, Parque Genibaú, vinculada à Secretaria Executiva Regional V. Utilizando a Hermenêutica Profunda (HP) ou de profundidade, como um referencial teórico e metodológico para embasar essa investigação (THOMPSON, 1995), o trabalho se dividiu em três etapas: análise sócio-histórica, análise formal ou discursiva e interpretação/reinterpretação.

Na análise sócio-histórica utilizamos a observação e questionários, elaborados por Bezerra em tese de doutorado (2002) com os alunos do quarto ano da escola EMEIF João Frederico Ferreira Gomes, para compreender seus hábitos alimentares, a fim de reconstruir as condições sociais e históricas em que vivem no cotidiano. Conforme Thompson (1995, p. 366), esta fase tem como objetivo “reconstruir as condições sociais e históricas de produção, circulação e recepção das formas simbólicas”. Os questionários foram aplicados apenas com os alunos do quarto ano do ensino fundamental, pois esses tinham melhor nível de leitura, escrita e interpretação de texto.

Durante a análise formal ou discursiva os professores discutiram como deveriam utilizar as cartilhas da Emília e a Turma do Sítio com seus alunos. Foi criado um curso de extensão intitulado “Alimentação Saudável de Aprende na Escola” e todos os professores que quisessem participar do curso foram bem-vindos. As cartilhas do Fome Zero são produtos contextualizados que têm como objetivo dizer alguma coisa sobre algo (THOMPSON); logo, o curso nos proporcionou fazer um tipo de análise diferente, que desnaturalizasse as formas simbólicas nelas expressas.

Por fim, na etapa de interpretação/reinterpretação os alunos, juntamente com seus professores, leram e trabalharam com as cartilhas da Emília e a Turma do Sítio e produzindo propostas para um portfólio nutricional/alimentar – com base nas cartilhas

e da realidade alimentar em que viviam os alunos. Ao final dessa fase, tentava compreender de forma criativa as percepções dos alunos e professores sobre o que é educação alimentar.

Em síntese, esta pesquisa mostra o espaço escolar, onde se desenvolveu toda a investigação, identifica a constituição do hábito alimentar dos alunos da escola, assim como as leituras que estes realizam, descrevendo os resultados desta prazerosa interação: espaço escolar, alunos, professores e pesquisadores.

Conhecendo o espaço da pesquisa: os hábitos alimentares dos alunos da EMEIF João Frederico Ferreira Gomes

A fim de inserir a temática da educação alimentar no cotidiano escolar por intermédio das referidas cartilhas, buscamos primeiramente identificar os hábitos alimentares dos alunos da EMEIF João Frederico Ferreira Gomes para reconstituir suas condições sociais e históricas, pois, segundo Magalhães (1995, p. 12), “nas comunidades de baixa renda, a comida aparece como categoria simbólica relevante na construção de sua identidade social, o que confere a ela grande importância dentro da estrutura social onde se insere” (análise sócio-histórica).

Para viabilizar esta fase, questionários foram aplicados às turmas do quarto ano do ensino fundamental, um total de quatro turmas, 80 alunos, por possuírem um nível de leitura, letramento e interpretação de texto mais elaborado do que os demais alunos. A esta fase denominamos de análise sócio-histórica por tentar reaver as condições sociais e históricas de produção, circulação e recepção das formas simbólicas.

No primeiro contato, percebemos que para os alunos a escola é um lugar “legal”, bonito e bom de estar, onde possuem a oportunidade de estudar, aprender e ler. A maioria desses alunos não vai à escola por causa da merenda escolar; somente um aluno de um total de 80 mencionou tal motivação, mito este muito divulgado, mas os motivos que os impulsionam a ir para o ambiente escolar

estão ligados à vontade de aprender. Bezerra (2002, p. 6 e 7) descreve com clareza em sua tese sobre Comer na Escola essa problemática que denomina mito da merenda escolar:

(...) percebi que tal entendimento da relação entre aluno da escola pública e merenda ganhara objetivação no tipo e imagem do “Seu Boneco”, personagem do programa humorístico de televisão “Escolinha do Professor Raimundo” (primeira versão), de Chico Anísio, veiculado pela Rede Globo. Distante e desinteressado, “Seu Boneco” só se interessava mesmo pela merenda, repetindo sempre: “E aí, chefia, que hora é a merenda?”. Seu aspecto caricatural relacionado à pobreza era bem visível: sujo, barrigudo, dentes cariados e com roupas remendadas. Em “Seu Boneco”, naturalizava-se tanto uma imagem de criança que frequenta a escola pública como a suposta razão principal de sua presença nesse espaço – a comida.

E ainda acentua:

Como consequência dessa representação de aluno carente, faminto, que iria à escola somente para comer e das disposições práticas decorrentes, desencadeia-se a desqualificação da escola em seu papel de instituição destinada ao ensino e à aprendizagem, que é secundarizado pela alimentação. Por quê? Porque quando falta merenda, o aluno além de perder uma hora de aula, prejudica-se também pela mudança na forma de condução das atividades pedagógicas. (BEZERRA, 2002, p. 179 e 180).

Por mais que a merenda não seja o motivo principal que leve o aluno à escola, entretanto, quase todos eles se apropriam da

merenda escolar, achando-a boa e gostosa. Entre as opções oferecidas pela escola, a bebida láctea e a sopa aparecem como as mais consumidas entre os alunos. Em conversa informal com esse alunos e professores, a preferência deles é pela bebida láctea, apesar de relatarem que muitas vezes este produto cheirava mal e fazia com que as crianças passassem mal durante o período letivo diário, chegando muitas vezes ao vômito.

Perguntando sobre os hábitos alimentares destes mesmos alunos em suas casas, constatamos que a maioria desses comem de três a quatro vezes ao dia – café-da-manhã ou desjejum, almoço, merenda e janta – sem incluir a merenda que estes recebem na escola. Se fizéssemos um cardápio com apoio no que estes alunos relataram comer, teríamos o seguinte: café-da-manhã (desjejum) - café com pão; almoço – arroz, feijão e a mistura (que pode ser carne, galinha, peixe, ovo, mortadela); jantar - arroz, feijão e a mistura (que pode ser carne, galinha, peixe, ovo, mortadela), ou ainda a sopa (aproveitamento do que sobrou do almoço). Mais uma vez, verifico que a idéia de que a merenda é o principal motivo da frequência do aluno à escola não se sustenta.

Nas refeições principais do dia, vê-se a predominância do arroz com feijão – separados ou juntos (baião) – e a mistura. Para esses alunos "comida é, basicamente, feijão, arroz e carne", coincidindo com a idéia de comida dos moradores do conjunto habitacional Cidade de Deus, Rio de Janeiro, apresentada no trabalho de Alba Zaluar (1985, p.106), *A Máquina e a Revolta*, ou seja, o feijão aparece ainda para muitos como "aquilo que coloca de pé", que dá "sustança" para aguentar o dia. Alimentos como frutas, saladas de legumes ou/e verduras não aparecem nas respostas desses alunos, sendo assim, alimentos secundários, não porque seja algo cultural, mas por motivos socioeconômicos – a questão do acesso limitado pelos baixos salários.

Outro aspecto bem interessante que não apareceu nas respostas dos alunos, mas que pode ser observado nas caminhadas pela escola no horário do lanche e nas conversas informais com os alunos, foi a presença do

"xilito" (salgadinho industrializado a base de milho) como uma tentativa de dizer "eu não preciso da merenda da escola", ou ainda "eu não preciso da piedade dos outros, eu não passo fome". Embora não saiba ao certo por que ele não aparece como comida, nas respostas das crianças, o xilito emerge em seu significado de elemento de classificação social.

Desnaturalizando as histórias em quadrinhos Emília e a Turma do Sítio na cartilha da nutrição do Programa Fome Zero

A segunda etapa da pesquisa ocorreu durante um curso de extensão intitulado "Alimentação Saudável se Aprende na Escola", promovido pela Universidade Federal do Ceará; participaram da pesquisa dez professores que desejavam trabalhar com seus alunos as discussões feitas sobre educação alimentar, tendo como material de apoio as HQ da Emília e a Turma do Sítio na Cartilha da Nutrição do Fome Zero (análise formal).

Educar no âmbito da segurança alimentar e nutricional, conforme o Programa Fome Zero, seria propiciar conhecimentos e habilidades que permitem às pessoas produzir, descobrir, selecionar e consumir os alimentos de forma adequada, saudável e segura, assim como conscientizar quanto às práticas alimentares mais saudáveis, fortalecer culturas alimentares das diversas regiões do país e etnias, valorizando e respeitando as especificidades culturais e regionais dos diferentes grupos sociais, e diminuir o desperdício, de modo a estimular a autonomia do indivíduo e a mobilização social.

O primeiro ponto que questionamos é o propósito de propiciar conhecimentos e habilidades que permitem às pessoas produzir, descobrir, selecionar e consumir os alimentos de forma adequada, saudável e segura. As referidas revistas em quadrinhos, quanto a este assunto, têm um conteúdo muito limitado, tendo apenas caráter prescritivo, escondendo "toda a perversidade dos preceitos do 'bem viver', imputados àqueles que não os seguem, não por teimosia ou desconhecimento, mas por ausência de condições concretas para fazê-lo"



Figura 2 - Trecho da cartilha "Alimentação Saudável"

(PEREGRINO, 2000, p. 64).

Elas contentam-se apenas em discorrer em mudanças de hábitos alimentares, substituindo alimentos que possuem muito sal, gordura e açúcar por alimentos com bastante vitaminas, minerais, proteínas e carboidratos. No entanto, não ensinam como as crianças devem fazer para observar a qualidade dos produtos comercializados e assim escolher, com conhecimento e habilidade, os alimentos que vão parar em suas mesas (como escolher frutas e legumes frescos, atentar para prazo de validade dos produtos – enlatados, congelados, ensacados – como escolher uma carne ou peixe, etc.). Não tratam de cuidados de higiene para um consumo saudável e seguro de tais alimentos (lavar as mãos, lavar cuidadosamente e em água corrente as frutas e vegetais que forem consumidos crus, manter os alimentos fora do alcance de insetos, roedores e outros animais, cozinhar bem os alimentos e, de preferência, consumi-los logo após o preparo, etc).

Mas a simples listagem dessas práticas, desacompanhadas das condições efetivas para aplicá-las,

a simples menção dos preceitos individuais sem que se discuta na mesma intensidade por que nem todos têm acesso aos mesmos, a indicação de práticas individuais, desconectadas da análise efetiva das condições de vida de nossas crianças, tudo isso poderá dar-lhes unicamente a “consciência” de sua inadequação para a vida saudável, e mais nada! (PEREGRINO, 2000, p. 66 e 67)

Outro aspecto questionável é a conscientização quanto às práticas alimentares mais saudáveis. Para isso, devemos ter em mente que a conscientização é o processo de fazer com que a comunidade conheça seus direitos e deveres, praticando-os em sua plenitude. Paulo Freire (1980) entendia conscientizar como sendo o ato de responder aos desafios; resposta esta que exige reflexão, crítica, invenção, eleição, decisão, organização, ação, fazendo com que o ser humano não seja um ser somente adaptado à realidade e aos

outros, mas integrado à realidade. Mais uma vez, as revistas supracitadas se limitam ao caráter prescritivo, apenas citando os alimentos saudáveis, sem fazer uma reflexão do porquê tais alimentos não fazem parte, na maioria das vezes, do seu cardápio diário (questões econômicas, sociais, políticas e culturais). As revistas também não esclarecem sobre o direito universal à alimentação de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais (política de segurança alimentar).

É questionável também o propósito

que este material tem de fortalecer culturas alimentares das diversas regiões do país e etnias, valorizando e respeitando as especificidades culturais e regionais dos diferentes grupos sociais. Aí vem uma das maiores críticas a este material: como posso valorizar as especificidades culturais e regionais se o material é único para toda a extensão do território brasileiro?

Diante das diversas culturas espalhadas pelo Brasil, nos deparamos com um material de conteúdo homogêneo e caricato. Como afirma Bezerra (2008, p. 9 e 10) em



Figura 3 - Trecho da cartilha "Proteínas e Carboidratos"

sua pesquisa sobre educação alimentar nos livros didáticos:

Verificou-se a postura dos autores apresentarem os conteúdos, gravuras e exercícios como se o conhecimento sobre alimentação fosse neutro e possível de generalizar para toda a realidade brasileira que é marcada pelas diferenças culturais, fato que leva ao reforço da cultura de segmentos sociais dominantes em detrimento da realidade e da cultura alimentar das camadas populares e dos alunos de escolas públicas do Nordeste, do Ceará e de Fortaleza.

Por fim, analisamos o propósito, das cartilhas citadas, de diminuir o desperdício, de modo a estimular a autonomia do indivíduo

e a mobilização social. Autonomia vem do grego e significa autogoverno, governar-se a si próprio. Nesse sentido, um indivíduo autônomo deve ser capaz de deliberar sobre seus objetivos pessoais e de agir na direção desta deliberação. O respeito a autonomia seria então valorizar a consideração sobre as opiniões e escolhas, evitando, da mesma forma, a obstrução de suas ações, a menos que elas sejam claramente prejudiciais para outras pessoas. O desrespeito a autonomia de um indivíduo acontece quando é desconsiderado seus julgamentos, negando-lhe a liberdade de agir com base em seus próprios critérios, ou ainda, quando se omite informações necessárias para que este faça um julgamento, quando não há razões suficientes que o convençam a fazê-lo.

Nesse contexto, as revistas em quadrinhos Emília e a Turma do Sítio na cartilha da nutrição no Fome Zero não



Figura 4 - Trecho da cartilha "O que é educação alimentar"

colaboram para a construção da autonomia, uma vez que não deixam espaço para uma construção do conteúdo pelo leitor (as cartilhas já vêm acabadas, concluídas), além de omitirem informações preciosas, de ordens política, social, econômica e cultural – tais como saneamento, educação, saúde, trabalho, lazer, etc – que influem diretamente na questão alimentar. Ainda sobre autonomia, Charlesworth (1996, p.131) afirma que:

Ninguém está capacitado para desenvolver a liberdade pessoal e sentir-se autônomo se está angustiado pela pobreza, privado da educação básica ou se vive desprovido da ordem pública. Da mesma forma, a assistência à saúde básica é uma condição para o exercício da autonomia.

Em relação à mobilização social, podemos conceituá-la como a reunião de sujeitos que definem objetivos e compartilham sentimentos, conhecimentos e responsabilidades para a transformação de uma dada realidade, movidos por um acordo em relação a uma determinada causa de

interesse público. A comunicação é um fator indispensável para a existência de um processo mobilizador; logo, o processo de mobilização social é comunicativo, e se este não acontece fica comprometida a mobilização dos sujeitos. Esta comunicação tem que levar em conta não somente o saber científico, mas também o saber popular adquirido a partir de experiências, das vivências, percebendo que este saber não é inferior, apenas diferente. Como afirma Valla (2000, p. 15 e 16):

É provável que dentro da concepção de que os saberes dos profissionais e da população são iguais, esteja implícita a ideia de que o saber popular mimetiza o dos profissionais. Se a referência para o saber é o profissional, tal postura dificulta a chegada do outro. Os saberes da população são elaborados sobre a experiência concreta, a partir das suas vivências, que são vividas de uma forma distinta daquela vivida pelo profissional. Nós oferecemos o nosso saber por que pensamos que o da população é insuficiente,

e por esta razão inferior, quando, na realidade, é apenas diferente.

Neste outro aspecto, as cartilhas apresentam problemas, pois, em nenhum momento elas priorizam o saber das classes populares, priorizando o conhecimento profissional (científica), além de não sugerir que a comunidade endereçada se reúna para discutir seus direitos a uma política de segurança alimentar. Segundo Valla (2000, p.12), os profissionais têm:

(...) dificuldade em aceitar que as pessoas “humildes, pobres, moradoras da periferia” são capazes de produzir conhecimento, são capazes de organizar e sistematizar pensamentos sobre a sociedade, e dessa forma, fazer uma interpretação que contribui para a avaliação que nós fazemos da

mesma sociedade.

Além de não levarem em conta o saber popular, elas atribuem ao próprio povo a responsabilidade na construção de uma sociedade mais saudável, menos miserável, menos atrasada, reafirmando a “incompetência e inadequação para o viver saudável” daqueles que não a cumprirem. Neste sentido, as cartilhas tratam da questão alimentar como se dependesse unicamente da consciência e da “boa vontade” de cada um.

Vale esclarecer, que as histórias em quadrinho da Emília e a Turma do Sítio não foram o único material utilizado no curso de extensão; todos os recursos que os professores desejassem utilizar para ajudar no trabalho – músicas, outras revistas, jornais, vídeos, cartazes – poderiam ser empregados, mas sem esquecer de socializar as revistas da Emília com os alunos.

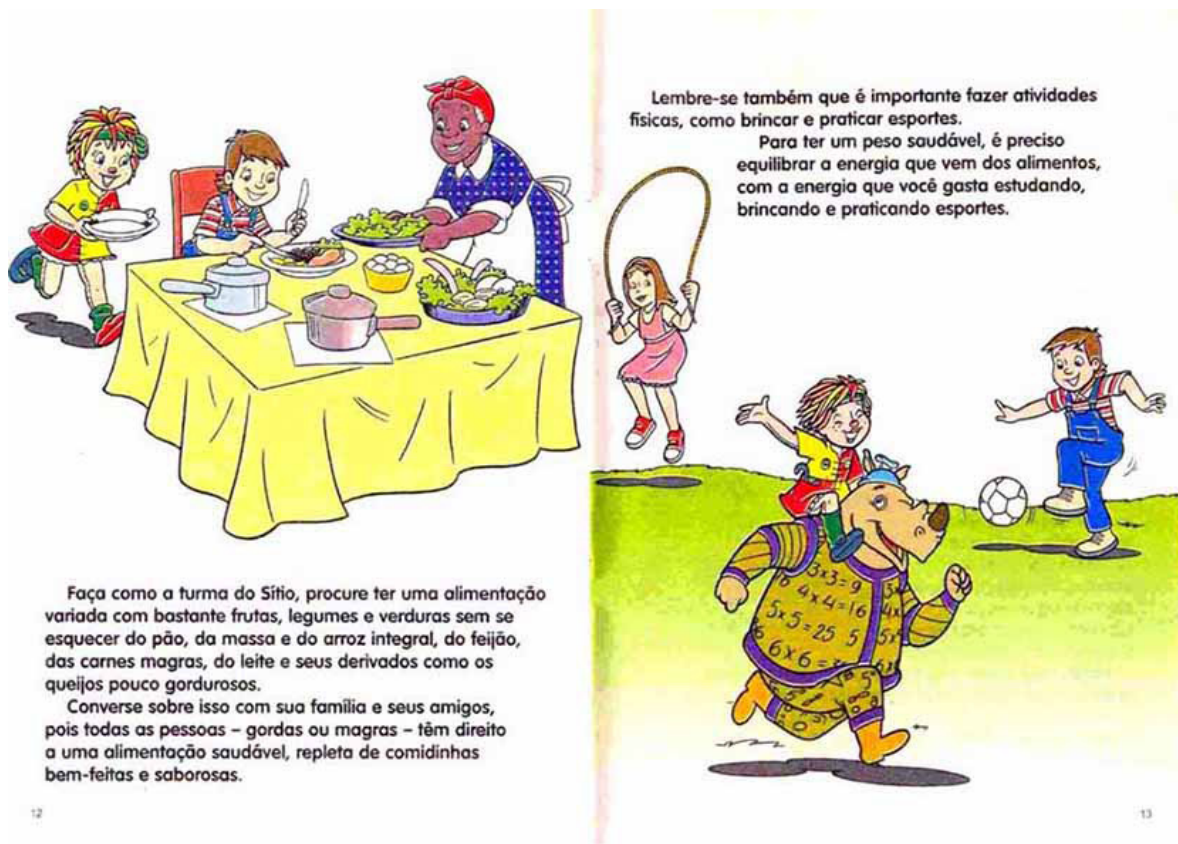


Figura 5 - Anexo da cartilha “O que é obesidade”



Figura 6 - Cartaz confeccionado por professores



Figura 7 - Cartaz confeccionado por professores



Figura 8 - Painel confeccionado por professores



Figura 9 - Painel confeccionado por professores



Figura 10 - Painel confeccionado por professores

Foi solicitado aos professores que este conteúdo deveria ser trabalhado de modo interdisciplinar, ou seja, a aplicação dos conteúdos deveria ser realizada nas aulas de Português, Matemática, Ciências, História etc, e transdisciplinar, ou seja, não somente nas disciplinas citadas, mas através delas, tentando superar a separação dos saberes. A proposta não era reservar um momento da aula para abordar os assuntos sobre alimentação, mas trabalhá-los durante as aulas, tentando quebrar a rigidez do currículo formal.

Durante esse período, atividades ricas, significativas e criativas aconteceram. Livros de receitas eram trazidos pelos alunos; pesquisas de preços em aulas de Matemática; formulação de um alfabeto a partir de nomes de frutas, legumes, verduras e hortaliças durante as aulas de Português; atividades de colorir e recortes com os alunos da educação infantil; a criação de uma pirâmide alimentar nas aulas de Ciências; criação de adivinhações, paródias e peças teatrais nos momentos de arte; além de transformarem a sala de aula em uma extensão da cozinha com a preparação de saladas coletivas.



Figura 11 - Salada de frutas feita por professores

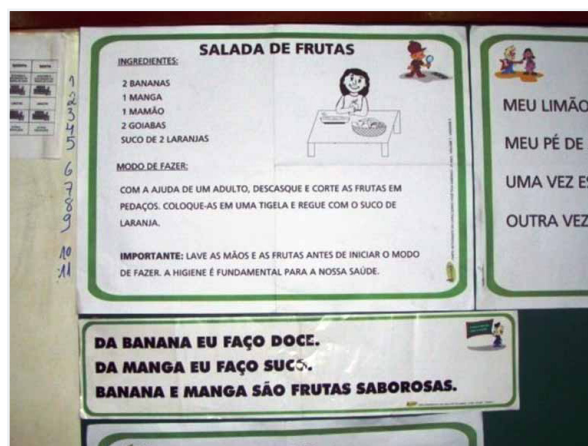


Figura 12 - Músicas utilizadas durante o projeto

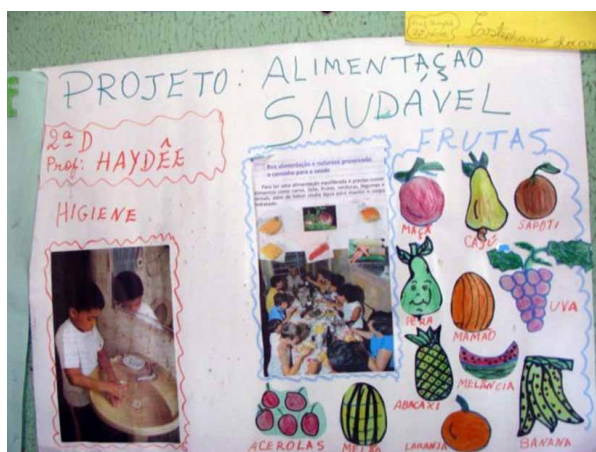


Figura 13 - Cartaz confeccionado por alunos

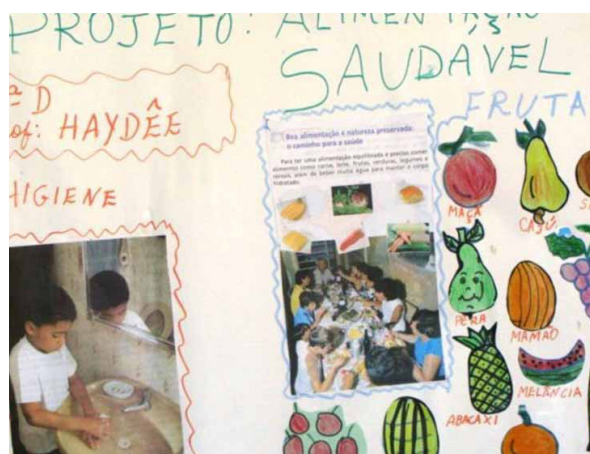


Figura 14 - Cartaz confeccionado por alunos

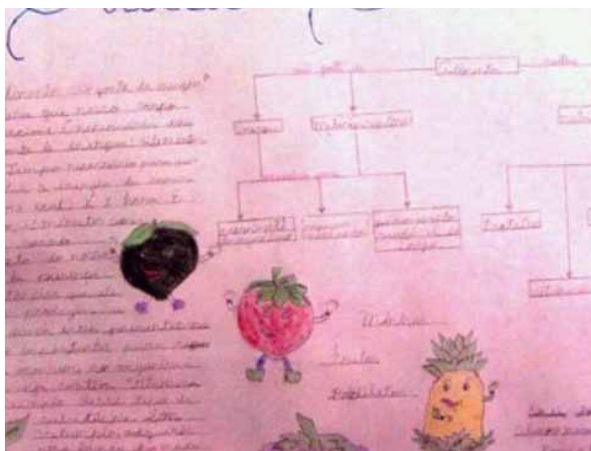


Figura 15 - Cartaz confeccionado por alunos



Figura 16 - Alunos lavando as mãos

HQ GERA HQ: interpretando os achados da pesquisa a partir da história em quadrinhos “A festa das frutas”

Das atividades realizadas se destacou, por ter sido produto de uma elaboração coletiva, uma história em quadrinhos intitulada A festa das Frutas. Esta atividade foi desenvolvida por alunos do 2º ano, turma D, com a orientação de sua professora. Como aconteceu essa elaboração coletiva? A professora relata como se deu:

Na primeira parte foi explicado ao aluno o projeto alimentação saudável, o que foi maravilhoso porque através das informações teve efeito pois pude perceber que as crianças trocavam seus lanches por frutas trazidos de casa, ao invés dos xilitos. No envolvimento de todos foram pesquisados e produzidos muitos cartazes sobre as vitaminas e seus valores nutricionais. Em sala de aula foi produzido painéis, salada de frutas e uma historinha em quadrinho pelos alunos. O

mais importante é que o aluno mudou a visão a respeito das verduras, pois durante todo o mês de agosto conversamos sobre a merenda escolar e principalmente a sopa oferecida na escola, daí a aceitação dos alunos em comer as verduras para ficarem fortes e saudáveis. O que percebi é que depois de ter dado ênfase a este projeto, as crianças ficaram felizes pois aprenderam o nome das frutas, o seu valor nutritivo e também houve o incentivo dos pais, pois os mesmos colaboraram com as receitas. A história produzida pelos alunos do 2º ano D foi: A festa das Frutas. Além desse material eles produziram um livrinho de receitas caseiras. Foi maravilhoso o aluno ter manuseado o material das revistinhas sobre alimentação saudável, pois o aluno leu prazerosamente.

(Relatório entregue à pesquisadora).

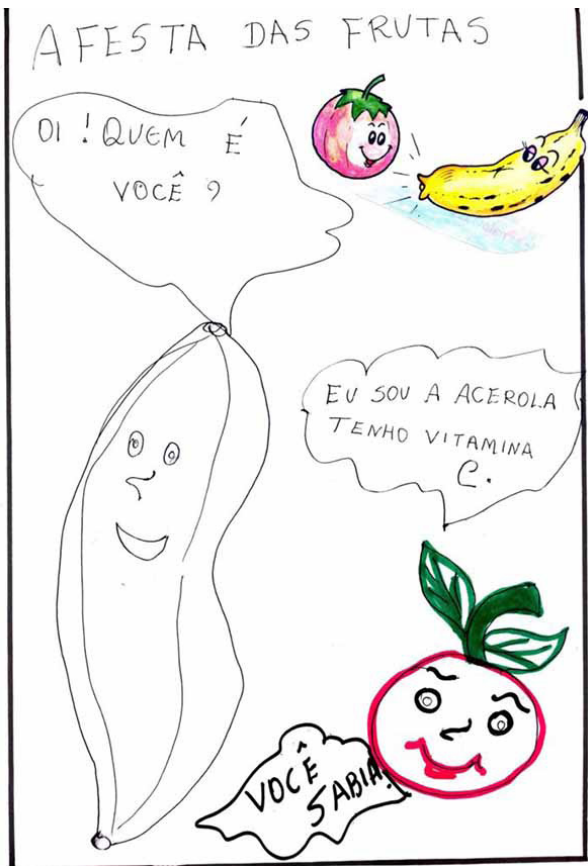


Figura 17 - A festa das frutas página 1

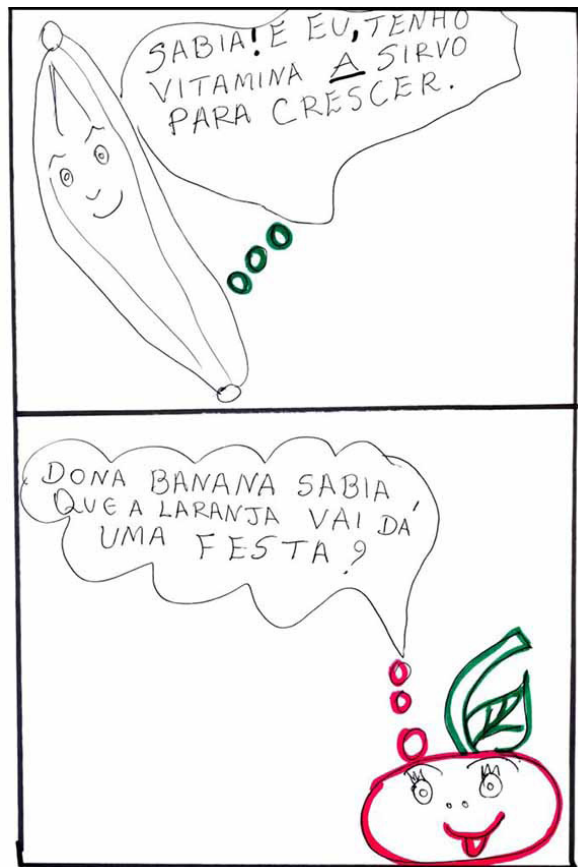


Figura 18 - A festa das frutas página 2

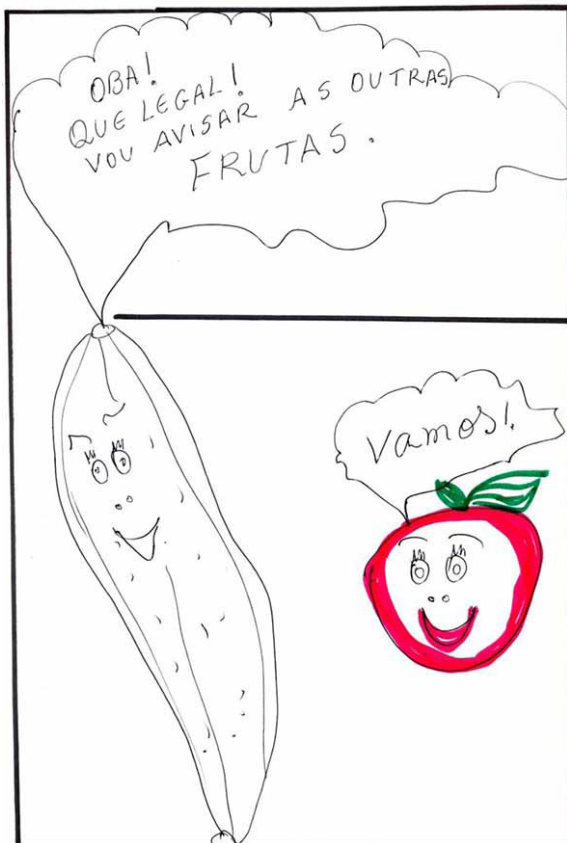


Figura 19 - A festa das frutas página 3

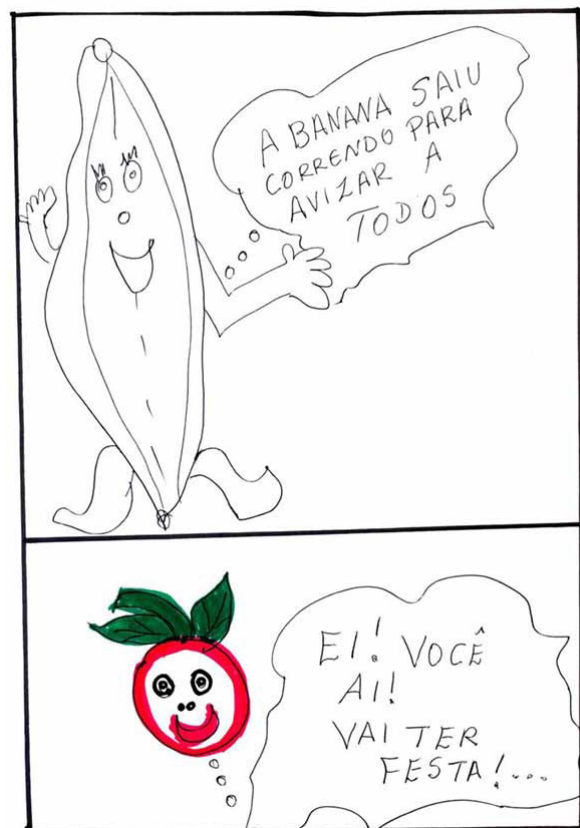


Figura 20 - A festa das frutas página 4

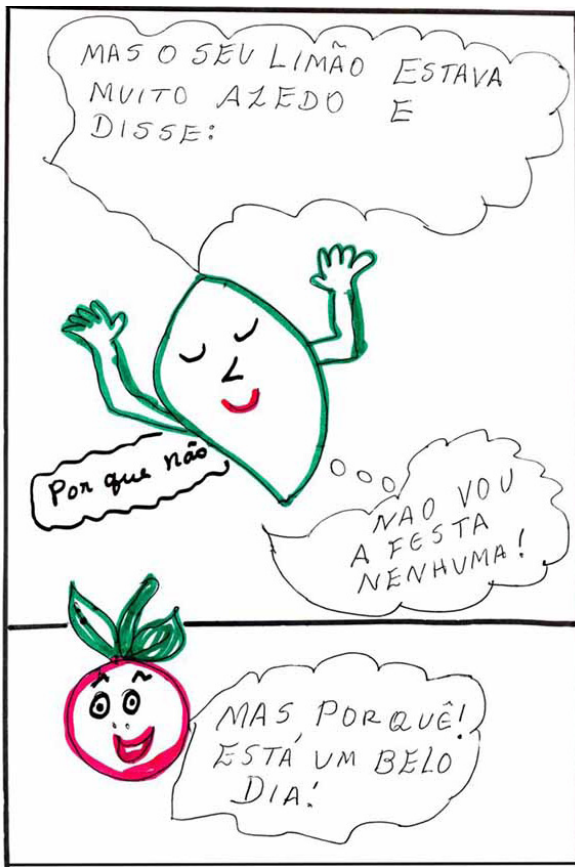


Figura 21 - A festa das frutas página 5



Figura 22 - A festa das frutas página 6



Figura 23 - A festa das frutas página 7

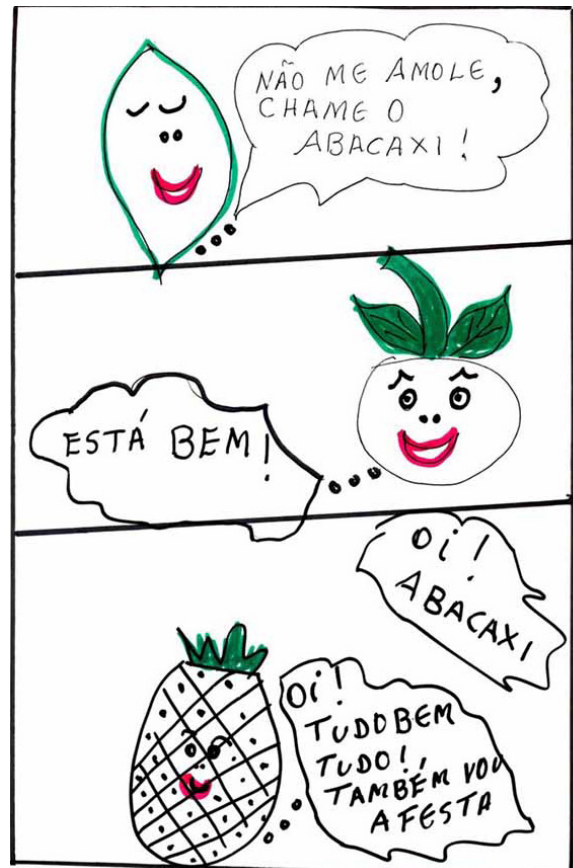


Figura 24 - A festa das frutas página 8



Figura 25 - A festa das frutas página 9



Figura 26 - A festa das frutas página 10



Figura 27 - A festa das frutas página 11

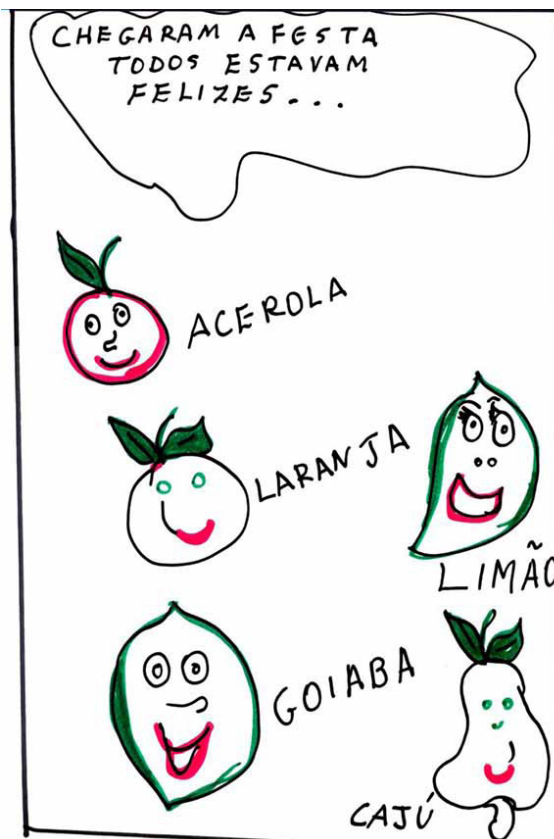


Figura 28 - A festa das frutas página 12



Figura 29 - A festa das frutas página 13

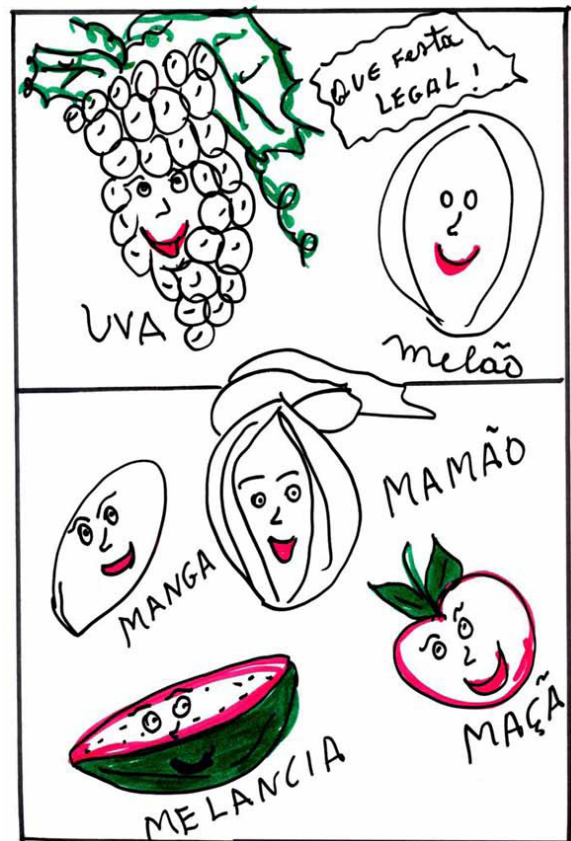


Figura 30 - A festa das frutas página 14



Figura 31 - A festa das frutas página 15



Figura 32 - A festa das frutas página 16

A feitura dessa história em quadrinho aconteceu em um momento intitulado hora do conto que possuía o objetivo de desenvolver a linguagem e o vocabulário e estimular a escrita. Durante este momento, os alunos, organizados em roda, escutam uma história da professora, folheiam revistas, discutem o que está acontecendo com as figuras e o que eles acham que vai acontecer em seguida. Ao final da conversa as crianças, juntamente com a professora, devem criar uma história coletiva com base em tudo o que foi visto, registrando-a em papel (fase interpretação/reinterpretação).

A HQ A Festa das Frutas conta a história de uma festa que a Dona Laranja vai promover na EMEIF João Frederico Ferreira Gomes. Ela, juntamente com Dona Banana e Acerola saem para convidar todas as frutas para a festa: uma salada saborosa. Além das frutas, as verduras também foram convidadas, pois, juntamente com a salada, vai haver também sopa, alimento este distribuído às crianças da escola no momento da merenda escolar.

Nesta pequena história pode-se observar o esforço da professora em ensinar não apenas o valor nutritivo de alguns alimentos, mas também o de inserir no enredo frutas típicas do Nordeste e de conhecimento dos alunos – tais como acerola, banana, laranja, limão, abacaxi, sapoti, jambo, goiaba, caju etc. – fortalecendo a cultura alimentar da nossa região, valorizando e respeitando as especificidades culturais e regionais das crianças. Foi um momento de síntese que superou o problema da falta de inserção da cultura alimentar local, que marca as matérias didáticas que discutem alimentação.

A história, ao inserir as verduras – tão rejeitadas pelas crianças, de um modo geral – por intermédio da merenda escolar, de uma realidade vivenciada diariamente por eles, propicia ainda a conscientização quanto às práticas alimentares mais saudáveis, uma vez que os alunos conseguem, na reflexão, crítica, invenção, eleição, decisão, organização e ação, responder a questões apresentadas em seu contexto de vida. Supera o caráter prescritivo e higienista que marca as produções didáticas sobre o tema.

Não são observadas na história expressões do tipo “faça isso”, ou “coma aquilo”; aqui, nada acontece no imperativo, mas sim pela aceitação do convite; mediante os diálogos, tentam mostrar por que é tão importante a presença de todos – não somente as frutas e verduras, mas alunos e professores também.

Alguns erros de ortografia e conceituais – como chamar tomate de verdura, em vez de fruta – aparecem na história, mas sem comprometer o resultado final e o objetivo que ela se propõe, que é o de “aprender que é preciso saber equilibrar frutas e verduras para uma alimentação saudável” (A Festa das Frutas); o desenvolvimento da capacidade de articulação de saberes, de síntese.

Considerações finais

A pesquisa buscou analisar as HQ da Emília e a Turma do Sítio na Cartilha do Programa Fome Zero, do projeto “Criança saudável - educação dez” como material didático, a fim de sensibilizar os alunos das séries iniciais do ensino fundamental à temática da educação alimentar e nutricional.

Percebemos, no entanto, que as revistas em quadrinhos Emília e a Turma do Sítio na cartilha da nutrição no Fome Zero não se propõem a discutir com o leitor o que seja educação alimentar e nutricional, pois consideram o alimentar-se bem as ações restritas de comer frutas, verduras e legumes, plantados na horta, e nos horários considerados corretos; bem como comer sem exageros e evitar o desperdício.

A investigação mostrou que essas HQs têm um conteúdo muito limitado, caracterizando-se pelo caráter prescritivo, que imputa aos seus leitores os preceitos do ‘bem viver’, não os esclarecendo do direito universal à alimentação de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais (política de segurança alimentar). Desta forma, não colaboram para a conquista da autonomia de seus leitores, além de omitirem informações preciosas, de ordem política, social, econômica e cultural – tais como saneamento, educação, saúde, trabalho,

lazer etc – que influenciam, diretamente, as questões alimentares.

Já a elaboração da cartilha A Festa das Frutas teve grande significado para o grupo (professora e alunos do 2º ano D), uma vez que essa produção percebe e valoriza a cultura local, que passou a integrar a atividade curricular; além de conseguir mediar o processo de construção e desconstrução de naturalização do saber escolar aproximando-o do saber popular, valorizando este último.

Mediante a produção desse material, um assunto constituído e naturalizado, como o do acesso a alimentação/nutrição, pode ser posto em xeque, desnaturalizado e reconstituído por intermédio de uma análise acadêmica, emergindo desse processo o desenvolvimento da capacidade crítica do professor e dos alunos; o desenvolvimento, ou educação do olhar; e a compreensão sobre o saber escolar/acadêmico que traz seus equívocos, por ser um artefato sociocultural distante da realidade vivida da escola e dos seus sujeitos. Além disso, a cartilha A Festa das Frutas desenvolve a percepção do valor do conhecimento popular, da cultura local e da autoestima do professor e aluno por meio da compreensão e exercício de suas capacidades criativas.

Referências

BEZERRA, José Arimatea Barros. Comer na escola significados e implicações. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará. UFC, 2002.

BOOG, M. C. F. Educação nutricional: Passado, presente, futuro. Revista de Nutrição, n.10, p. 5-19, 1997. Disponível em: http://www.faculdadeguaraapes.edu.br/site/hotsites/biblioteca/educacaonutricional_passado-presente-futuro59500.pdf. Acesso em: 20 maio 2015.

BRASIL. Ministério da Saúde. Política nacional de alimentação e nutrição. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2000.

CASTIELL, Luis David; VASCONCELLOS SILVA, Paulo Roberto. Internet e o autocuidado em saúde: como juntar os trapinhos? História, Ciências, Saúde-Manguinhos, v.9, n.2, p. 291-314, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v9n2/ao4v9n2.pdf>. Acesso em:

20 maio 2015.

CONSEA. Conselho Nacional de Segurança Alimentar. Lei Orgânica. Brasília, DF: CONSEA, 2006.

Instituto da Cidadania. Projeto Fome Zero: uma proposta de política de segurança alimentar para o Brasil. São Paulo; 2001.

LIMA, Eronides da Silva. Gênese e constituição da educação alimentar: uma síntese. Physis, v.7, n.2, p. 9-29, 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/physis/v7n2/o2.pdf>. Acesso em: 20 maio 2015.

MAGALHAES, Clarissa. Comida de Comer Comida de Pensar. Revista Cadernos de Debate - Núcleo de Estudos e Pesquisas em Alimentação. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas. UNICAMP, v. 3, p. 29-57, 1995.

ONU. Organização das Nações Unidas. Instrumentos Internacionais de Direitos Humanos. Nova Iorque: ONU, 2006.

SANTOS, Ligia Amparo da Silva. Educação alimentar e nutricional no contexto da promoção de práticas alimentares saudáveis. Revista de Nutrição, v.18, n.5, p. 681-692, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rn/v18n5/a11v18n5.pdf>. Acesso em 20 maio 2015.

TEBEROSKY, Ana; COLOMER, Tereza. Aprender a ler e a escrever: uma proposta construtivista. Porto Alegre, RS: Artmed, 2003.

THOMPSON, Jonh B. Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

VALENTE, F.L.S. Em busca de uma educação nutricional crítica. In: _____. Fome e desnutrição: determinantes sociais. São Paulo: Cortez, 1986. p. 66-94.

ZALUAR, Alba. A Máquina e a Revolta: as organizações populares e o significado da pobreza. São Paulo: Brasiliense, 1985.